

UMA PLATAFORMA SOCIAL DEMOCRATA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O Estado de S. Paulo, 07.3.1989

O Brasil só poderá se transformar em uma sociedade democrática moderna se for capaz de evitar os erros do populismo nacionalista e estatizante de uma certa esquerda e os equívocos do conservadorismo liberal e subordinado aos interesses estrangeiros de amplos setores da direita (auto-denominada de "centro"). Tanto a esquerda populista, que propõe não pagar a dívida externa para aumentar os salários e o consumo interno, quanto a direita ultra-liberal que insiste em pagar uma dívida que não pode ser paga ou que propõe uma liberalização total da economia brasileira que destruiria sua indústria, não têm condições de, no governo, resolver a gravíssima crise econômica que reduziu o Brasil à estagnação e à inflação nos anos 80.

Esta crise só poderá ser superada por um governo de centro-esquerda ou de centro-direita, que, de forma pragmática e moderna, enfrente com coragem e determinação esta crise. A plataforma do governo de centro-esquerda que tem condições de realizar esta tarefa acaba de ser elaborada pela Comissão Diretora do PSDB. Seu relator foi Fernando Henrique Cardoso; servirá agora de base para a campanha à presidência da República de Mário Covas.

Esta plataforma de governo não fica em generalidades, tão comuns nesse tipo de documento. E não faz concessões ao populismo. O Brasil enfrenta hoje uma crise econômica sem precedentes, e o PSDB deixa claro que não será possível superar essa crise sem sacrifícios. Passo, a partir deste momento, a palavra ao próprio documento.

"A estagnação da economia brasileira, fortemente condicionada, no curto prazo, pela inflação aguda, tem suas origens na inversão perversa das relações de poupança dos setores externos e públicos... As causas da retração do crescimento são profundas e interrelacionadas... A poupança do governo caiu de 6 por cento do PIB em 1970 para menos 2 por cento em 1988. É preciso ter claro que sem resolver essa crise financeira do estado, de forma decidida e corajosa, o Brasil não superará a crise econômica".

"A retomada do crescimento, com abertura da economia, sem política de estabilização e sem reforço dos investimentos (e portanto do mercado interno)

representaria um atalho da estagnação atual para o retrocesso econômico... A solução da crise fiscal não é simples. A proposta do PSDB para enfrentar a crise fiscal não deseja combinar "moratória externa" com incremento dos gastos internos, o que corresponderia a uma política populista. Trata-se de controlar gastos públicos para diminuir a pressão sobre o Tesouro e aumentar a receita tributária líquida pelo corte de subsídios e incentivos."

"O nível atual de transferência de recursos para o pagamento da dívida externa é incompatível com a estabilização da economia e com o desenvolvimento do país. Sua redução é impostergável... Nas condições de hoje, a redução da dívida seria de mais de 50 por cento de seu valor nominal... O encaminhamento desta questão é eminentemente político... O PSDB encarará as alternativas concretas que vierem a se apresentar oportunamente, desde uma eventual moratória até as várias formas de securitização da dívida".

"Neste fim de século XX, a competitividade internacional baseia-se na introdução de elevado coeficiente tecnológico na produção... Esse tipo de desenvolvimento difere tanto do modelo de substituição de importações como de outro, que seria inviável, à base de exportações produzidas por mão-de-obra barata. A distinção entre a produção para o mercado interno e a produção para o mercado externo deve diminuir progressivamente, tanto em termos de avanço tecnológico como no nível de salários... Deve-se visar uma abertura seletiva da economia nacional à competição externa. Exportar para importar: dentro da estratégia proposta, as divisas geradas pela exportação, ao invés de serem totalmente "queimadas" no pagamento da dívida externa, devem permitir importações".

"O PSDB sustentará programas de privatização. Essa privatização será seletiva. É melhor fechar empresas do que o Estado assumir seu passivo para doá-las, como se fossem "cartórios modernos", a setores privados que não investirão nela... Onde for correto privatizar, o PSDB privatizar".